

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS OFERECIDOS A IVO CASTRO

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS

OFERECIDOS A IVO CASTRO



ISBN 978-989-98666-3-8

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

2019

I,

En nunca guardei rebanhos,
Mas, e' como se o guardasse.
Quil' alma
~~Quil' alma~~ e' curba um pastor,
Pertence ao vento e ao sol,
E anda pela mar de Estacada
A carter e a hucar. (A viver como elles vivem.)
Toda a paz da natureza sem senti-
nem ventar - e a mossa lara;
Mas em fin' tinto, por mi e por coisa nenhuma,
Como um furo d'ol' para a minha imaginaçã,
Quando acontece ao fundo da planície,
E' sent' que a vida chegou um se ver
Como uma borlida ~~que se~~ de cruce em cruce.
- já dentro de
Mas a minha tinto e' abgo
Poque e' natural e juto.

f. 19 GF-1
51

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS
OFERECIDOS A IVO CASTRO

Organizados por

Ernestina Carrilho
Ana Maria Martins
Sandra Pereira
João Paulo Silvestre

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

2019

Título • *Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro*

Organizadores • Ernestina Carrilho, Ana Maria Martins, Sandra Pereira, João Paulo Silvestre

Edição • Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Capa • Ivo Castro, arquivo particular

Contra-capa • Pormenor do manuscrito de Fernando Pessoa *Eu nunca guardei rebanhos*

[Alberto Caeiro], BN Esp. E3/67-1r. Biblioteca Nacional de Portugal.

ISBN 978-989-98666-3-8 [livro digital]

40. A linguística histórica e o léxico diferencial: variação dialetal e sociolinguística de alguns regionalismos do Português falado na ilha da Madeira

Naidea Nunes Nunes

Universidade da Madeira / CLUL e UMa-CIERL

Apresentamos os resultados qualitativos e quantitativos de um inquérito semântico-lexical sobre regionalismos madeirenses, aplicado junto de estudantes naturais da ilha da Madeira que frequentaram o primeiro ano do ensino superior na Universidade da Madeira, no ano letivo de 2016/2017, para aferir o (re)conhecimento e uso de alguns regionalismos característicos do Português falado na Madeira. Para observarmos a vitalidade dos regionalismos enquanto património linguístico e cultural com valor identitário da sociedade madeirense, comparamos os dados recolhidos junto dos estudantes oriundos de diferentes localidades e respetivos concelhos, tendo em conta o fator geográfico (rural vs. urbano), mas também os resultados obtidos do ponto de vista do fator de variação sociocultural sexo ou género. O fator dialetal ou variável geográfica pode ser bastante relevante, no caso das palavras mais antigas, conservadas nas áreas mais isoladas, por oposição às mais comuns ou correntes, usadas também na cidade do Funchal, capital do Arquipélago da Madeira, apresentando, por isso, maior prestígio social. Assim, podemos aferir até que ponto as novas gerações tenderão a deixar de (re)conhecer e usar os vocábulos marcados como regionais e sentidos como ruralismos.

Palavras-chave: léxico e semântica diferencial, linguística histórica, dialetologia, variação sociolinguística, análise qualitativa e quantitativa.

O léxico é a componente linguística que melhor expressa a ligação intrínseca entre a língua e a cultura. O léxico diferencial de uma região espelha a realidade histórica, geográfica, etnográfica e socioeconómica que a caracteriza. Neste estudo lexicológico, dialetal e sociolinguístico, apresentamos os resultados de um inquérito semântico-lexical sobre regionalismos madeirenses aplicado junto de 40 jovens madeirenses, que frequentaram o primeiro ano do ensino superior na Universidade da Madeira, no ano letivo de 2016/2017, para aferir o (re)conhecimento e uso de alguns regionalismos característicos do Português falado na Madeira e observar a sua vitalidade, enquanto léxico diferencial, ou seja, património linguístico e cultural com valor identitário da

sociedade madeirense. Além disso, pretendemos comparar os dados recolhidos, tendo em conta o fator geográfico (rural vs. urbano), e descrever os resultados obtidos do ponto de vista do fator de variação sociocultural de género, observando até que ponto esta variável se revela marcante, também no que diz respeito às diferenças lexicais e semânticas existentes entre os meios rurais e a área urbana.

Descreveremos os dados qualitativos semântico-lexicais, bem como os resultados quantitativos da variação local e sociocultural no uso de alguns regionalismos madeirenses e classificaremos estes de acordo com a sua origem, o seu conhecimento e uso por parte dos falantes em arcaísmos, populismos, empréstimos, neologismos regionais e regionalismos madeirenses correntes. Muitos regionalismos madeirenses são resultado do conservadorismo de léxico do Português antigo (arcaísmos), a par de alguns neologismos regionais (lexicais e semânticos), geralmente associados a particularidades etnográficas e socioculturais da região, designadamente *brinco* ou *brinquinho* ('instrumento musical do folclore madeirense'). Estes dialetalismos podem ser simultaneamente classificados como: arcaísmos e populismos, quando se trata de palavras antigas (origem) características do Português popular (uso), por exemplo *(ar)rejeiras* ('suspensórios'); e neologismos ou empréstimos, no caso de serem elementos lexicais importados de outras línguas, por exemplo *passapalo* ('petisco'). O fator dialetal é relevante, sobretudo no caso das palavras antigas, conservadas nas áreas mais isoladas ou rurais, por oposição aos vocábulos correntes, usados na cidade do Funchal, capital do Arquipélago da Madeira, apresentando, por isso, maior prestígio social.

Trata-se de um estudo de cariz dialetal, etnográfico e sociolinguístico, que parte da noção de regionalismos como palavras ou significados próprios de uma região, enquanto léxico diferencial, evidenciando aspetos histórico-geográficos, etnoculturais e sociais. O estudo do vocabulário de uma região pode, assim, contribuir para um melhor conhecimento da linguística histórica, neste caso da sua lexicologia e, conseqüentemente, da História da Língua Portuguesa, permitindo compreender a formação do Português regional e a mudança linguística histórica e atual.

1. Enquadramento teórico

Partimos dos pressupostos teórico-conceituais e metodológicos da Dialectologia e da Sociolinguística como modelos de recolha e análise dos materiais linguísticos no estudo da variação geográfica e social de alguns regionalismos madeirenses. Como referem Mateus e Cardeira (2007: 21), «cada dialeto é, ele próprio, um sistema próprio, um sistema de elementos e regras que admite, tal como a língua, variação. Assim, se a língua tem norma e variação, também o dialeto tem norma e variação», ou seja, uma língua é constituída pela totalidade dos seus dialetos, sendo que estes partilham a mesma natureza variacional das línguas. Por conseguinte, dentro do dialeto madeirense, poderá haver uma variedade culta regional falada na cidade do Funchal e pressão social dessa norma sobre os jovens escolarizados, enquanto nos restantes concelhos mais rurais da ilha teremos uma variedade regional mais popular. Até que ponto esta realidade linguística (norma culta vs. norma popular), a existir, se reflete no (re)conhecimento e uso dos regionalismos madeirenses e estes tenderão a ser mais usados nas zonas rurais mais isoladas e, conseqüentemente, mais conservadoras do que na cidade do Funchal? Será esta a paisagem sociodialetal rural e urbana madeirense ou haverá um *continuum* rural-urbano no conhecimento e uso dos regionalismos, devido à circulação de pessoas com implicações socioeconómicas nas localidades e na língua falada?

De acordo com Brissos, Gillier e Saramago (2016: 31), «Os dialetos madeirenses carecem ainda de uma descrição detalhada das suas principais características, assim como de uma análise do seu conjunto, no sentido de se poder elaborar uma proposta de classificação do seu sistema dialetal». Através do estudo dialetométrico da variação lexical de 150 conceitos do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), *corpus* constituído por materiais recolhidos nos 7 pontos de inquérito do Arquipélago da Madeira, em novembro de 1994, como respostas a um questionário linguístico com diferentes campos semânticos, os autores conseguiram identificar os principais grupos dialetais, ou seja, as principais áreas de variação lexical, comparando as duas ilhas do arquipélago entre si e estas com os resultados obtidos nos Açores. Concluíram que a subdivisão fundamental da variedade madeirense se materializa em dois grupos: «ocidente da ilha da Madeira e ilha do Porto Santo, por um lado, e centro e oriente da ilha da Madeira, por outro. Existe, assim, uma coerência areal na

distribuição da variação lexical do arquipélago, ou seja, a variação não é desordenada – nem, sequer, difícil de segmentar» (Brissos, Gillier e Saramago 2016: 37). Segundo os autores, o Porto Santo destaca-se pela semelhança com o conjunto, o que mais uma vez sugere uma unidade consistente da variedade madeirense. A nossa amostra sociodialetal da variação de algum léxico diferencial madeirense não contempla a ilha do Porto Santo, nem o concelho do Porto Moniz, no entanto pode mostrar alguma distribuição areal na ilha da Madeira que aponte no mesmo sentido: a subdivisão fundamental entre o extremo ocidente (aproximadamente concelhos da Calheta e do Porto Moniz) e a zona central e oriental da ilha (concelhos de S. Vicente, Santana, Machico, Santa Cruz, Funchal, Câmara de Lobos, Ribeira Brava e Ponta do Sol). Esta subdivisão dialetal difere daquela que poderíamos supor inicialmente: uma separação entre a costa sul, mais acessível e com maiores contactos entre si, e a costa norte (incluindo o concelho de Machico e parte do de Santa Cruz, correspondendo geograficamente aos efeitos climatéricos, do que parece ser uma fronteira natural quando o tempo está de sul ou de norte), de acordo com a primitiva divisão da ilha da Madeira entre os dois capitães donatários.

Sabemos que o léxico diferencial resulta de fatores extralingüísticos, sobretudo históricos e geográficos que, juntamente com o isolamento social, explicam a conservação de formas antigas de carácter popular, através da transmissão oral dos falantes pouco escolarizados, com pouco contacto com a norma. Por sua vez, o contacto com outras línguas tende a originar inovação lexical, sobretudo graças ao comércio, com grande expressão na cidade do Funchal, desde o povoamento da ilha até hoje, mas sobretudo devido à emigração da população madeirense. A amostra dialetal deste estudo, com estratificação social dos informantes, mostra-nos bem a ocorrência de variantes lexicais e semânticas conservadoras e inovadoras, características do Português falado na Madeira.

2. Metodologia de trabalho

Para a realização deste estudo, começámos por fazer uma recolha de prospeção (através de conversas informais sobre memórias de infância e juventude), junto de homens e mulheres idosos. Seguiu-se um teste de exclusão junto de falantes de outras regiões do país, em que a palavra/expressão e o seu valor semântico (supostamente

regional) eram excluídos, se fossem conhecidos. Depois, confrontámos o vocabulário recolhido de cariz regionalista, por estar relacionado com a realidade sociocultural e etnográfica madeirense, com dicionários da língua portuguesa, vocabulários madeirenses e de outras regiões de Portugal, para determinar quais as palavras que eram «verdadeiros regionalismos madeirenses», ou seja, vocábulos que só existem na Madeira e vocábulos que, embora ocorram no Português padrão ou noutras regiões do país, têm um significado específico na ilha, embora ainda não exista um levantamento sistemático e exaustivo do léxico diferencial de todas as regiões do território, sendo que alguns vocábulos podem ser reconhecidos e usados apenas em algumas localidades e não em toda uma região (como é o caso de *matina* e *matinar* com o significado de ‘primeira refeição do dia’ e ‘tomar o pequeno-almoço’, que apenas ocorre a oeste e a norte da ilha da Madeira). Também distinguimos o léxico diferencial do Português popular, ou seja, das variantes populares ou fonéticas do Português de referência, que podemos encontrar em várias regiões do país, por exemplo *baga* por *vaga* e *prantar* por *plantar*.

Com os «verdadeiros regionalismos madeirenses», construímos um questionário semasiológico, isto é, semântico-lexical, constituído por 20 vocábulos resultantes da recolha de prospeção, em que listámos o vocabulário para recolher a sua significação. Posteriormente, os inquéritos foram realizados junto dos estudantes do primeiro ano da Universidade da Madeira, no ano letivo de 2016-2017, oriundos de várias localidades da ilha da Madeira, incluindo a cidade do Funchal. O questionário, além do inquérito semântico-lexical propriamente dito, continha uma primeira parte para identificação sociocultural dos informantes, nomeadamente sexo (M – Mulher e H – Homem), idade, escolaridade, naturalidade, local de residência e de trabalho, profissão e contactos linguísticos (naturalidade dos pais e avós), de forma a podermos relacionar a variação lexical e semântica de alguns regionalismos madeirenses com a variação geográfica e sociocultural de género.

Tabela 1. Perfil sociocultural dos informantes

Nº informantes / género	Concelhos da ilha da Madeira	Naturalidade dos pais e avós
9 M + 9 H	Funchal	Santa Cruz, Machico, 2 Ponta do Sol, 2 Curral das Freiras, Boaventura
3 M + 3 H	Machico	2 Funchal
1 M + 4 H	Câmara de Lobos	S. Vicente
2 M	Calheta	Venezuela
1 M + 3 H	Ribeira Brava	Calheta
2 M	S. Vicente	S. Vicente
1 M	Ponta do Sol	Ponta do Sol
1 M	Santana	Santana
1 H	Santa Cruz	Machico

Servimo-nos dos habituais critérios de seleção dos informantes naturais dos diferentes concelhos da ilha da Madeira, com poucos ou nenhuns contactos linguísticos com outras áreas geográficas (o que nem sempre foi possível, dada a existência de alguma mobilidade interna e externa), e do método de estabelecimento de uma rede de pontos de inquérito dialetológicos. A amostra é constituída por 40 inquiridos, provenientes de várias localidades e concelhos da ilha da Madeira, dos dois sexos, em número equivalente de género e número aproximado de informantes, tendo em conta a população residente nas duas áreas comparadas: concelho do Funchal (F) com 18 informantes (9 Mulheres e 9 Homens) e restantes concelhos contemplados com 22 inquiridos (11 Mulheres e 11 Homens), nomeadamente de Santana (S), de Machico (M), de Santa Cruz (SC), de Câmara de Lobos (CL), da Ponta do Sol (PS), da Ribeira Brava (RB), da Calheta (C) e de São Vicente (SV), ficando de fora o concelho do Porto Moniz.



Figura 1. Mapa da ilha da Madeira

3. Análise qualitativa dos dados

Para procedermos à análise qualitativa dos dados, consultámos várias obras lexicográficas da língua portuguesa: o *Dicionário Houaiss*, o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (o primeiro a documentar regionalismos madeirenses), o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (DLPC) e o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (Priberam), em linha, também com informações sobre o Português do Brasil. Quanto aos dicionários, vocabulários e glossários regionais, mencionamos o *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos* (DRA) de Leite de Vasconcelos (disponibilizado em linha pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), o *Dicionário dos falares de Trás-os-Montes* (Barros 2002), o glossário de *O Falar do Minho* (Gonçalves 1988), o *Dicionário de Falares as Beiras* (Barros 2010), o glossário de *O Falar de Marvão* (Simão 2011), o *Dicionário de Falares do Alentejo* (Barros 2005) e o *Dicionário de Falares dos Açores* (Barcelos 2008). No que diz respeito aos vocabulários madeirenses e listagens de vocábulos regionais, consultámos: Soares (1914), Ribeiro (1929), Santos (1945-1947), Silva (1950), Sousa (1950), Pereira (1951-1952), Pestana (1970), Caldeira (1961/1993), Silva (1985/2013) e Barcelos (2016). Incluímos também, por ordem cronológica, as definições dos vocábulos apresentadas em glossários de antigas dissertações de licenciatura, realizadas na Universidade de Lisboa, sob a coordenação do Professor

Lindley Cintra, nomeadamente Macedo (1939), Rezende (1961) e Nunes (1965), bem como de teses de mestrado e de doutoramento realizadas na Universidade da Madeira, designadamente Figueiredo (2004/2011), Santos (2007), Santos (2013) e Teixeira (2015).

Também confrontámos os vocábulos estudados com o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (TLPGP), do Instituto da Língua Galega, que inclui léxico dialetal do Galego, do Português de Portugal (continental, Madeira e Açores) e do Português do Brasil. De forma a enriquecer ainda mais esta pesquisa regional madeirense, incluímos referências ao vocabulário das Canárias, nomeadamente através da consulta do *Diccionario Historico del Español de Canarias* (DHECan), por ser o mais completo e atual, tanto a nível diacrónico como sincrónico. A inclusão das Canárias neste estudo deve-se às relações históricas, geográficas e linguísticas muito próximas entre os dois arquipélagos, pertencentes respetivamente a Portugal e a Espanha. Trata-se de léxico antigo, galego-luso-brasileiro, conservado nas áreas geográficas referidas.

Passamos a apresentar, em tabelas, as respostas obtidas no inquérito semântico-lexical para cada um dos regionalismos lexicais e semânticos, seguindo-se o seu confronto com as obras lexicográficas consultadas.

Tabela 2. (Ar)rejeiras e Baboseira

Regionalismos	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
1. (Ar)rejeiras	‘entradas de ar’ (3 M/F).	<i>areja a casa</i> (2 M/F).
2. Baboseira	‘capricho, mimo’ (M/F); ‘mimos, excesso de mimos’ (3 M/F); ‘mimado’ (3 M/F); ‘ser mimado’ (M/F); ‘mimado’ (4 H/F); ‘mimos’ (H/F); ‘fazer todas as vontades a uma criança’ (H/F); – (4 H/F). ‘pessoa que tem tudo o que quer’ (2 M/M); ‘pessoa mimada’ (2 M/M e SV); ‘mimado’ (2 M/M e C); ‘mimos’ (4 M/CL, RB, C e S);	<i>aquilo é só baboseira</i> (M/F); <i>está cheio de baboseira</i> (M/F); <i>as crianças têm muita baboseira</i> (M/F); <i>ele tem muita baboseira</i> (2 M/F); <i>deixa-te de baboseiras</i> (M/F); <i>só tens baboseira</i> (H/F); <i>és muito baboso</i> (H/F); <i>é só baboseira!</i> (H/F). <i>o teu filho está cheio de baboseira</i> (M/M); <i>aquele pequeno só tem baboseira</i> (M/C); <i>ela tem muita baboseira</i> (2 M/RB e SV); <i>pequeno, tu és muito baboseiro</i> (M/PS); <i>a</i>

	<p>‘pessoa mimada’; ‘uma pessoa muito mimada’ (M/PS); ‘demasiados mimos’ (M/SV); ‘mimado’ (3 H/CL e M); ‘tem tudo o que quer’ (H/M); ‘ser mimado’ (3 H/M, SC e RB); ‘dar afeto em demasia’ (H/RB); ‘muitos mimos’ (2 H/CL); – (H/RB).</p>	<p><i>mãe só lhe dá baboseira</i> (M/C e S); <i>tens muita baboseira</i> (2 M/SV e CL); <i>tens muita baboseira</i> (2 H/M e SC); <i>deixa-te de baboseiras!</i> (H/CL); <i>dar baboseira</i> (H/RB); <i>és (um) baboseirento!</i> (2 H/CL e M); <i>deram-te muita baboseira</i> (H/CL).</p>
--	---	--

(Ar)rejeira(s) (de *rij-*, «elemento de RIGIDU- ‘duro, rijo’»), no *Houaiss*, entre muitos exemplos, encontramos o vocábulo *rijeira*, mas o dicionário não indica o seu significado, nem regista a palavra como entrada lexical. No TLPGP, o vocábulo surge como «regeiras, suspensórios, Macedo 1939, 70», sendo exclusivo da Madeira. Este vocábulo apresenta variação gráfica e fonética, nomeadamente as variantes : *arrejeira*, *arrejeira* e *rijeira*, *rejeira* (sem a prótese do *a-*), pelo facto de ser uma forma regional essencialmente do registo oral. Em Figueiredo (1996) e no *Priberam*, *rejeira/rijeira* é um termo da náutica, mas também «corda que o lavrador dirige aos bois na lavoira ou quando apostos ao carro», que poderá estar na origem da forma *rejeiras* ou *arrejeiras* da roupa, por analogia, estando de acordo com a possibilidade avançada por Sousa (1950: 120). Nos vocabulários e glossários madeirenses, ocorrem as variantes *regeiras*, *rigeiras*, *rijeiras*, *rejeiras*, com a aceção de «suspensórios, alças que as crianças usam para segurar as calças, presilha no vestuário» (Macedo 1939: 70; Santos 1947, vol. xi, nº 52: 178; Silva 1950: 127; Sousa 1950; Pereira 1951-1952: 256; Nunes 1965: 158; Pestana 1970: 113 e Barcelos 2016: 365). Santos (2007: 371) averba *arrijeiras* como forma popular de *rijeiras*.

Baboseira (de *baboso* + *-eira*) é um vocábulo com valor diferencial na Madeira, não contemplado no *Houaiss*. Trata-se de um termo corrente para designar ‘excesso de condescendência revelada no comportamento sobretudo das crianças’. No *corpus*, registámos a forma *baboseirento*. Trata-se de um exemplo de polimorfismo lexical do Português não normalizado, com o sufixo *-ento*, tal como *trapichento*. Estes dados parecem mostrar que a existência de polimorfismo, neste caso lexical, através de variantes morfológicas, será característico de falantes de áreas rurais. Os termos correspondentes no Português de referência são *mimo* e *mimado*, que também são conhecidos na Madeira com as mesmas aceções, embora *baboseira* e *baboso* sejam

muito mais expressivos a nível regional do que os vocábulos nacionais. No TLPGP, «baboseiras, pieguices, Rezende 1961, 272». Nos vocabulários e glossários madeirenses, surge como «criancice, mimo demasiado» (Santos 1945, vol. viii, nº 39: 145; Figueiredo 2011; Teixeira 2015: 82). Em Barcelos (2016: 84), *baboso* «mimado, que chora por tudo e por nada», por analogia com a planta denominada *babosa*, também em Macedo (1939: 35). Rezende (1961) documenta *baboseiras* como «pieguices» e *baboso* como «enlevado», mas sobretudo com o sentido de «piegas». Para Barcelos (2016: 84), *baboseira* é «mimo, que se faz a uma criança» e *baboso* significa «mimado».

Tabela 3. Brinco/brinquinho

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
3. Brinco/ brinquinho	<p>‘instrumento musical’ (3 M/F); ‘instrumento madeirense’ (M/F); ‘estar limpo’ (3 M/F); ‘pendente de furo na orelha’ (M/F); - (1 M/F); ‘limpo’ (3 H/F); ‘arcada’ (H/F); ‘<u>como novo</u>’ (H/F); - (4 H/F).</p> <p>- (4 M/M e C); ‘música tradicional da Madeira’ (2 M/M e SV); ‘instrumento musical’ (3 M/CL, PS e S); ‘limpo’ (3 M/C, RB e SV); ‘um grupo de pessoas a tocar e a cantar’ (H/RB); ‘instrumento tradicional madeirense’ (2 H/SC e RB); ‘usa-se na orelha’ (2 H/M e CL); ‘brincadeira’ (2 H/M e RB); ‘limpo’ (H/CL); - (3 H/M e CL).</p>	<p><i>Eu toco brinquinho</i> (M/F); <i>o brinquinho é usado no bailinho</i> (M/F); <i>tocar o brinquinho</i> (M/F); <i>a casa está um brinquinho</i> (3 M/F); <i>arcadas ou brinco</i> (M/F); <i>esta casa de banho está um brinco!</i> (H/F); <i>gosto do teu brinco</i> (H/F); <u><i>o carro ficou num brinco</i></u> (H/F).</p> <p><i>tocar o brinquinho no arraial</i> (M/PS); <i>vamos ouvir o brinco</i> (M/SV); <i>vamos fazer um brinquinho</i> (H/RB); <i>tocar o brinco</i> (H/SC); <i>o carro está num brinco</i> (H/CL).</p>

Brinco (do lat. *vinculum* ‘laço, atadura’ e «ato ou efeito de brincar»), no *Houaiss*, apresenta as aceções de «brincadeira, divertimento», mas também, por analogia, palavra polivalente para uma série de qualidades positivas (coisa bem feita, perfeita, arrumada e coisa muito limpa) e ainda, entre outros significados, «marca na orelha do gado», enquanto *brinquinho* (de *brinco* + *-inho*) é um brinco pequeno. Rebelo (2014: 640), a propósito de *baile* e *bailinho*, diz-nos que o último não corresponde ao diminutivo do primeiro. Escreve que «o uso do diminutivo é frequente em todo o

arquipélago, assim como o é na linguagem popular e familiar em geral, no Português. Pode acontecer que o sufixo *-inho* perca o próprio valor, fazendo parte integrante de um lexema com significado que não remete para a noção de pequenez. É o que acontece, no arquipélago, com *bailinho*, *cabrinha* e *picadinho*» e também com *brinco* e *brinquinho*, sendo que este é sinónimo de *brinco*, «grupo de pessoas que tocam e cantam», e não um «brinco pequeno» e denomina também um instrumento musical do folclore madeirense. A aceção mais antiga e que parece estar a desaparecer, sobretudo no meio urbano, é a de «grupo de pessoas que tocam e cantam».

O DLPC, além das aceções documentadas no *Houaiss*, regista a de «instrumento musical do folclore madeirense, que consiste em vários conjuntos de bonecos articulados que mexem e tocam castanholas em redor de um eixo». Cândido de Figueiredo (1981), não atesta a aceção madeirense, mas curiosamente averba, a par com «brinquedo» e «coisa muito asseada», um uso e costume da Índia portuguesa: «espécie de cegada ou grupo de palhaços, que, pelo Carnaval, cantam, tocam, dançam e esgrimem nas ruas e praças», podendo ter alguma relação com os *brincos* da Madeira, na conservação de uma tradição portuguesa antiga. O *Priberam* também documenta o termo *brinquinho* como instrumento do folclore madeirense, desconhecendo igualmente a aceção de *brinco* e *brinquinho* enquanto grupo de pessoas que tocam e cantam, andando de casa em casa, nas épocas festivas, mas também nos arraiais. O DRA apenas regista *brinco* da ovelha e *brincos* das orelhas ou «arrecadas», em Guimarães.

No que se refere aos vocabulários madeirenses, Santos (1946, vol. viii, nº 40: 208) documenta *brinco* como «grupo de indivíduos, homens e mulheres, que vão para uma romaria tocando, cantando e bailando pelo caminho», observa que, no *brinco*, aparecem invariavelmente o «braguinha», o «rajão», a «viola de arame», os «ferrinhos» e os «orgos» (harmónios) e algumas vezes a «rabeça». Informa ainda que «os *brincos* se dirigem às romarias por terra e a pé, bailando às vezes durante horas seguidas». Em Silva (1950) encontramos *brinco* como «grupo de indivíduos que, nas romarias, formam uma espécie de orquestra com bailado», enquanto Sousa (1950: 38) regista *brinco* como «bailarico regional». Rezende (1961: 276) documenta *brinco* como «rancho de rapazes e raparigas que saem à rua nos dias das romarias, tocando, cantando e bailando», enquanto em Nunes (1965: 152) significa «gaita de beiços;

harmónica». Para Caldeira (1993: 23), é um «divertimento em que entram instrumentos típicos e pares dançantes» e *brinquinho* é um «grupo de tocadores com instrumentos típicos». Santos (2007) remete-nos para Figueiredo (2011: 109), «grupo de pessoas que se diverte nas romarias ou festas populares tocando instrumentos tradicionais, dançando e cantando geralmente versos populares ou cantigas ao desafio» e «instrumento musical do folclore madeirense», também em Barcelos (2016: 117–118). Apesar de termos aqui as duas aceções de *brinquinho*, falta a informação de que os grupos de pessoas não tocavam e cantavam só nos arraiais, mas também iam de casa em casa, no Natal, no fim do ano e nos Reis(es), durante toda a noite, sendo recebidos com vinho, azeitonas, broas e licores.

Tabela 4. *Busico*

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
4. <i>Busico</i>	<p>‘criança’ (7 M/F); ‘pessoa pequena’ (M/F); ‘criança pequena’ (M/F); ‘miúdo’ (M/F); ‘pequeno ou criança’ (2 H/F); ‘ser pequeno’ (H/F); ‘pequeno’ (H/F); ‘jovem ou novo’ (H/F); <u>‘divertido’</u> (H/F); - (3 H/F).</p> <p>‘pequeno’ (5 M/M, RB, PS e SV); ‘criança pequena’ (4 M/M, S, CL e C); <u>‘coisa que faz barulho’</u> (M/C); - (M/M); ‘muito pequenino’ (2 H/M e CL); ‘cão pequeno’ (H/SC); ‘criança, canalha’ (4 H/M, CL e RB); ‘rapaz ou rapariga’ (H/RB); - (3 H/M, CL e RB).</p>	<p><i>És um busico</i> (M/F); <i>aquela busica é mesmo linda</i> (M/F); <i>o João é um busico</i> (M/F); <i>deixa o busico!</i> (M/F); <i>ainda és um busico</i> (H/F); <i>aquele rapaz é um busico</i> (H/F); <i>tenho um cão busico</i> (H/F).</p> <p><i>ele ainda é um busico</i> (M/C); <i>és um busico</i> (M/SV); <i>olha um busico</i> (H/SC); <i>Ah, seu busico!</i> (H/RB).</p>

O *Houaiss* apenas regista a forma *buso* (de origem obscura), «instrumento de cordas». Cândido de Figueiredo (1981) averba *busiquinho* como palavra da Madeira, significando «bocado pequeno», enquanto o *Priberam* documenta *buzico*, como vocábulo informal da Madeira para «criança pequena», sinónimo de «miúdo». Quanto aos vocabulários madeirenses, Soares (1914: 153) averba *busico* como «pequeno (criança, animal)», enquanto Ribeiro (1929: 20) atesta *buziquinho* como «bocado

pequeno». De acordo com Santos (1946 viii, nº 40: 209), *buzico* é um «rapaz ou animal pequeno», observando ser um termo depreciativo e ter o diminutivo *buziquinho*, tal como para Sousa (1950: 39), Silva (1950: 22), Rezende (1961: 276) e Nunes (1965: 144). Pestana (1970: 48) regista *busico* «cão pequeno» e *busica* «porção muito pequena de qualquer coisa». Segundo Caldeira (1993: 24), *buzico* tem a aceção de «curto, pequeno». Em Barcelos (2016: 121–122) encontramos ainda *busico* e *buzico* como «pessoa imatura».

Tabela 5. *Cachada*

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
5. <i>Cachada</i>	<p>‘nádega(s)’ (7 M/F); ‘lugar do corpo’ (M/F); - (M/F); ‘parte lateral do rabo’ (H/F); ‘nádega(s)’ (6 H/F); - (3 H/F).</p> <p>‘parte de cima da perna’ (M/M); ‘nádega(s)’ (5 M/M, RB, C e SV); ‘parte de trás do rabo’ (M/PS); ‘bochecha’ (M/S); - (3 M/CL, C e SV); ‘ancas’ (H/CL); ‘nádega(s)’ (8 H/M, CL e RB); - (2 H/SC e RB).</p>	<p><i>Dói-me a cachada</i> (M/F); <i>tenho as cachadas a doer</i> (M/F); <i>ele deu-lhe uma chapada na cachada</i> (M/F); <i>tens umas cachadas grandes</i> (2 M/F); <i>dar uma palmada na cachada</i> (H/F); <i>tens umas cachadas, meu Deus</i> (H/F); <i>magoei-me na cachada</i> (H/F).</p> <p><i>Dói-me a cachada</i> (2 M/RB e SV); <i>olha que levas uma palmada nessa cachada</i> (M/PS); <i>aquele tem umas cachadas rosadas</i> (M/S); <i>as cachadas me doem</i> (H/RB); <i>vais levar nas cachadas</i> (H/RB); <i>magoei-me na cachada</i> (H/CL); <i>vais levar uma taponna na cachada</i> (H/CL); <i>tens uma boas cachadas</i> (H/M).</p>

Segundo o *Houaiss* e Cândido de Figueiredo, *cachada* (de origem obscura) é um regionalismo de Portugal, designando a «queima da vegetação de um terreno antes do plantio para adubar a terra» e, no Minho, «nivelamento ou alteamento de um campo». No DRA, é uma palavra antiga do século xvi, ligada à terra (Coura). Em *O Falar do Minho*, *cachar* significa «cavar terreno bravo» (1988: 67). No *Dicionário de Falares dos Açores*, *cachada* são «cachos em grande quantidade» (Barcelos 2008: 132). Curiosamente, não encontramos o registo desta palavra em nenhum dos vocabulários madeirenses, a não ser no glossário de Nunes (1965: 145), como sinónimo de «face»,

e no de Santos (2013: 76), com a definição de «nádegas mas também bochechas da cara». A autora interpreta a aceção madeirense como podendo vir da conservada no Minho, por analogia do campo arredondado com a forma das nádegas ou das bochechas.

Tabela 6. *Charola e Corça/Corsa*

Regionalismos	Significados	Exemplos de uso
6. Charola	<p>‘cabeça’ (M/F); - (8 M/F); - (9 H/F).</p> <p>- (11 M/M, S, CL, RB, PS, C e SV); ‘cabeça’ (H/SC); - (10 H/M, CL e RB).</p>	<p><i>louco da charola</i> (H/SC).</p>
7. Corça/corsa	<p>- (7 M/F); ‘carros de cesto’ (M/F); ‘carroça ou carruagem’ (M/F); - (9 H/F).</p> <p>- (10 M/M, RB, PS, C e SV); ‘carroça’ (M/S); ‘serve para transportar objetos’ (M/CL); ‘estrutura de madeira usada em brincadeira’ (H/SC); ‘gozar ou trocar de alguém’ (H/CL); - (9 H/M, CL e RB).</p>	<p><i>este carro nas curvas parece uma corça</i> (M/F).</p> <p><i>leva na corça</i> (M/CL); <i>andar de corsa</i> (H/SC).</p>

O vocábulo *charola* (de origem duvidosa), de acordo com o *Houaiss*, tem várias aceções regionais em Portugal continental. Na Madeira, é a denominação rural de uma armação de forma oval que é coberta de legumes e frutas e transportada num pau ao ombro por dois homens, para ser oferecida à igreja, nas festas religiosas. Rebelo (2014: 635), ao estudar o termo *charola*, constatou que apenas um informante deu a aceção de «andor», que diz ter ligação religiosa com o significado regional, e outro informante, por analogia, indicou «cabo de cebolas entrançado». Era uma das principais atrações populares dos arraiais religiosos madeirenses, segundo o Visconde do Porto da Cruz (1934: 25): «As charolas e as promessas são números obrigatórios e de grande importância para avaliar a festa». No DRA, ocorre o registo de *charola*, «nicho para um santo», em Óbidos. Em Trás-os-Montes, *charola* é «profissão, carga de lenha» (Barros 2002), enquanto no Alentejo denomina o «andor ou padiola onde se

transportam pessoas ou santos» e «enfeite floral que se coloca no alto dos mastros dos santos populares (Almodôvar)» (Barros 2005). Nos Açores, designa um «buraco na parede, retocado com barro, onde se guardava antigamente o sal» (Barcelos 2008). O TLPGP, além da aceção dos Açores, apresenta a da Madeira: «armação de madeira, coberta de frutos ou hortaliças. Nunes 1965, 155». Em Figueiredo (1996) e no DLPC, o vocábulo é atestado como regionalismo semântico da Madeira, tal como nos vocabulários e glossários madeirenses, «armação de madeira, vimes ou arame, em forma de pinha, coberta com frutos, legumes e diversos produtos [...] levada por dois homens em ‘charola’» (Soares 1914, Santos 1946, vol. ix, nº 41: 46, Silva e Sousa 1950, Caldeira 1993, Nunes 1965: 155, Figueiredo 2011, Santos 2007, Teixeira 2015: 85, por extensão «cesto de fruta», Barcelos 2016: 158).

Quanto à palavra *corça* ou *corsa*, «utensílio de madeira em forma de prancha sem rodas, usado para transportar cargas por arrasto», a variante *corça* é a forma gráfica mais antiga, registada na documentação escrita madeirense, surgindo depois a forma *corsa*. Este termo antigo e rural apresenta grande variação de significado, sendo que a aceção mais antiga, com o desaparecimento do referente nas zonas rurais, originou os modernos empregos figurados. Terá existido na Madeira desde os primeiros tempos do povoamento da ilha, tal como nas Canárias (cf. Silva 1978 [1921]). No TLPGP, «côrça, pequeno carro sem rodas puxado por uma corda, Nunes 1965, 120» e «corsa, prancha de madeira puxada por bois ou mulas para transportar cargas, Macedo 1939, 55». O facto de o termo existir nos dois arquipélagos, da Madeira e das Canárias, reflete as relações históricas, linguísticas e culturais existentes entre estas duas regiões atlânticas. No Esp. can. *corza*, *corsa* (do Port. mad. *corça*) provavelmente deve o seu semantismo à língua portuguesa (cf. DHECan). Corbella (2016: 130–131) refere o termo *corsa* como procedente, entre muitos outros vocábulos, do Português da Madeira, da forma *corça* e não como propõe o DRAE de *corso*, sendo um dialetalismo canário.

Em Figueiredo (1996), no DLPC e no *Priberam*, *corça* é uma «espécie de veículo puxado por gente ou bois, em que se transportam mercadorias e pessoas» e *corsão* é uma «corsa grande». Nos vocabulários e glossários madeirenses, temos a mesma aceção de *corsa*, que também surge como «uma espécie de corsa de dimensões pequenas que as crianças utilizam para se arrastarem nos terreiros de suas casas ou nas ruas pouco movimentadas e inclinadas»; *corsão* «corsa grande para transportar lenha

e para transporte de pessoas da freguesia da Camacha para o Funchal ou do Santo da Serra para Santa Cruz em dias festivos», e *corçada* «o que comporta a zorra, computa-se a corçada de lenha em 600 kgs» (Macedo 1939: 55, Santos 1946, vol. ix, nº 41: 47, Silva 1950, Silva e Sousa 1950, Caldeira 1993, Nunes 1965: 120, Pestana 1970, Figueiredo 2011: 106, Barcelos 2016: 173, nota que se dá este nome ao carro-de-cesto, com a forma gráfica *corça*). Em Teixeira (2015: 86), é ainda «algo que não se pode ter ou dar» e «cair de algum lugar». Esta última aceção pode estar associada à expressão *ir de corça*, «escorregar ou cair».

Tabela 7. *Estar (n)um calhau*

Regionalismos	Significados	Exemplos de uso
8. <i>Estar (n)um calhau</i>	<p>‘desordenado’ (M/F); ‘(estar) desarrumado’ (4 M/F); ‘<u>estar em cima de paus ou pedras</u>’ (M/F); - (3 M/F); ‘<u>estar numa praia de pedras</u>’ (H/F); - (8 H/F).</p> <p>- (7 M/M, S, CL, C e SV); ‘desarrumado’ (M/RB); ‘<u>praia de pedras</u>’ (M/PS); ‘<u>ter atitudes inadequadas no local em que se encontra</u>’ (M/M); ‘<u>pessoa que usa linguagem imprópria</u>’ (H/M); ‘<u>estar na praia (em cima de pedras)</u>’ (3 H/M, SC e CL); - (8 H/M, CL e RB).</p>	<p><i>a casa está um calhau</i> (M/F); <i>este quarto está num calhau</i> (M/F); <i>esta sala está num calhau</i> (M/F); <i>vamos à praia de calhau</i> (H/F).</p> <p><i>o quarto está um calhau</i> (M/RB); <i>vamos ao calhau ver o mar</i> (M/PS); <i>mas estás num calhau?</i> (M/M); <i>estás no calhau?</i> (H/M); <i>ir ao calhau</i> (H/SC).</p>

O *Houaiss* apenas atesta o significado padrão de *calhau* (de origem controversa) como «pedaço, fragmento de rocha dura, seixo», enquanto o DLPC apresenta, como terceira aceção, o regionalismo da Madeira «praia com muitas pedras». Cândido de Figueiredo define o vocábulo como «pedra solta» e madeirensismo «a praia», que o *Priberam* regista como «praia de seixos». No DRA, a palavra *calhau* ocorre em Guimarães como «burra» e na expressão ‘<calhau> rolado’, em Mertola e Alandroal. No *Dicionário dos Falares de Trás-os-Montes*, *calhau* é um «indivíduo estúpido, parvalhão, pouco inteligente» (Barros 2002: 37). O *Dicionário de Falares dos Açores* documenta *calhau* como «as pedras da periferia das ilhas junto ao mar, a maioria da

nossa costa marítima», explicando que «quando pequenas e roladas, o seu conjunto é chamado *rolo* (F, SJ, SM)». Regista a expressão «calhau do mar», não documentando «estar (n)um calhau» nos Açores, o que aponta para um uso linguístico próprio da Madeira.

No que diz respeito aos vocabulários madeirenses, para Soares (1914: 153), *calhau* é «praia», enquanto Macedo (1939, vol. 2: 46) explicita «praia pedregosa». Santos (1946, vol. viii, nº 40: 211) informa que é uma «praia pedregosa sem areia ou mesmo que a tenha» e regista a expressão *garoto do calhau*, «malcriado, vadio», bem como *cabo do calhau*, «lugar para onde se manda quem nos maça». Observa que é um termo exclusivo da Madeira, usado em toda a ilha para praia. Silva (1950: 26), tal como Rezende (1961: 278), define o vocábulo como «praia pedregosa, formada de pequenos calhaus rolados», que Sousa (1950: 43) descreve como «praia pedregosa e sem areia». Para Nunes (1965: 138), Pestana (1970: 51), Figueiredo (2011: 111) e Silva (2013: 101), *calhau* é uma «praia (de calhaus)». Caldeira (1993: 24) documenta *cabo do calhau* como *calhau*, «praia», «beira-mar» e *garoto do cabo do calhau*, «rapaz malcriado, incorreto». O autor atesta ainda a expressão *calhau da ribeira*, «estado em que ficam as coisas em desordem; efeitos do dilúvio». Esta expressão parece aproximar-se e explicar a origem do significado de «estar (n)um calhau», assim como «garoto (do cabo) do calhau» explicará o sentido de «falar malcriado», indicado pelos informantes de Machico. Santos (2007: 378) acrescenta que a aceção de «praia de seixos» é extensível aos Açores, tendo em conta o testemunho de Vitorino Nemésio que usa muitas vezes a palavra, colocada entre aspas, na sua obra-prima *Mau tempo no canal*. Todavia, o significado não parece ser exatamente o mesmo. Barcelos (2016: 130) atesta *calhau* como «praia de calhaus, tomando a parte pelo todo», *calhau da ribeira* «coisas desordenadas» e *calhau-rolição* «nome que também se dá ao *calhau-do-mar*, ou seja, ao conjunto das pedras roladas da costa da ilha da Madeira, nos Açores chamado ‘rolo’».

Tabela 8. *Matina* e *Matinar*

Regionalismos	Significados	Exemplos de uso
9. <i>Matina</i>	<p>‘manhã’ (5 M/F); - (3 M/F); ‘manhã (ainda de noite)’ (5 H/F); - (5 H/F).</p> <p>‘manhã’ (3 M/M); ‘comida’ (2 M/RB e SV); ‘pequeno-almoço’ (3 M/PS, SV e S); - (3 M/M, CL e C); ‘manhã’ (3 H/M e CL); ‘pequeno-almoço’ (2 H/CL e RB); - (6 H/M, SC, CL e RB).</p>	<p><i>acordei (logo) de matina</i> (3 M/F). <i>a minha matina estava boa</i> (M/RB); <i>a matina está pronta</i> (M/SV); <i>vou levar-te a matina à</i> <i>cama</i> (M/PS); <i>a matina é muito</i> <i>importante para começar bem o</i> <i>dia</i> (M/S).</p>
10. <i>Matinar</i>	<p>- (6 M/F); ‘acordar cedo ou madrugar’ (3 M/F); ‘acordar cedo’ (4 H/F); ‘tomar o pequeno- almoço’ (H/F); - (4 H/F).</p> <p>- (5 M/M e C); ‘comer de manhã’ (2 M/RB e SV); ‘tomar o pequeno- almoço’ (3 M/PS, SV e S); ‘acordar cedo’ (M/CL); ‘acordar cedo’ (2 H/M e CL); ‘tomar o pequeno-almoço’ (H/RB); - (8 H/M, SC, CL e RB).</p>	<p><i>amanhã vou matinar</i> (M/F); <i>andas</i> <i>a matinar</i> (H/F).</p> <p><i>hoje matinei bem</i> (M/RB); <i>vou</i> <i>matinar agora</i> (M/SV); <i>está na</i> <i>hora de matinar, filho</i> (M/PS); <i>vou</i> <i>matinar antes de sair de casa</i> (M/S); <i>vamos matinar?</i> (M/SV).</p>

No *Houaiss*, *matina* (do lat. MATUTINA, ‘relativo a manhã’) apenas apresenta as aceções padrão. Trata-se de um nome antigo que, em algumas áreas geográficas da Madeira, ainda denomina a primeira refeição da manhã, juntamente com os sinónimos *quebrajejum*, com a variante *quebrajum*, e *mata-bicho*, enquanto, no Português padrão, significa ‘madrugada’. No TLPGP, surge como vocábulo exclusivo da Madeira: «matina, primeira refeição, pequeno-almoço» (Macedo 1939: 66, Nunes 1965: 154 e Rezende 1961: 296), mas também ocorre em Santos 1946, vol. x, nº 48: 114, Silva 1950, Caldeira 1961/1993: 90, Nunes 1965: 154, Santos 2007: 393, Santos 2013: 105, Barcelos 2016: 292. Trata-se de um regionalismo semântico registado nos vocabulários e glossários madeirenses que Pereira (1951-1952: 243) informa não ser usado no Funchal nem em Santa Cruz.

Para *matinar* (de *matina* + *-ar*), o *Houaiss* também apenas documenta as aceções padrão, tal como nos outros dicionários da língua portuguesa, incluindo o *Priberam*.

Na Madeira, significa «tomar a primeira refeição da manhã», correspondendo à expressão *tomar o pequeno-almoço* no Português de referência, onde *matinar* é «acordar ou levantar-se cedo», aceção também conhecida e usada na ilha. No TLPGP, «tomar a primeira refeição, Macedo 1939, 66», sendo provavelmente uma aceção antiga conservada na Madeira. Nos vocabulários e glossários madeirenses, «tomar a primeira refeição, quebrajejum ou pequeno-almoço» (Macedo 1939: 66, Santos 1946, vol. x, nº 48: 114, Pereira 1951-1952: 243, Santos 2013: 106, também «comer alguma coisa, lanche»; Barcelos 2016: 292).

Tabela 9. *Palheiro*

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
11. Palheiro	<p>‘espécie de casa onde se guarda animais’ (2 M/F); ‘onde está o gado’ (M/F); ‘casa de campo onde tem animais’ (M/F); ‘<u>casa pequena</u>’ (3 M/F); ‘<u>casota de palha</u>’ (M/F); ‘<u>casa antiga</u>’ (M/F); ‘lugar onde resguardam os animais’ (H/F); ‘<u>casa pequena</u>’ (H/F); ‘<u>casa no/de campo</u>’ (3 H/F); ‘<u>onde ficam as galinhas</u>’ (2 H/F); - (2 H/F).</p> <p>‘pequeno abrigo para animais’ (4 M/M, S e C); ‘onde as pessoas guardam coisas e gado’ (M/C); ‘<u>casa muito pequena de campo</u>’ (M/RB); ‘<u>casa de campo</u>’ (M/SV); ‘<u>casebre de palha</u>’ (M/PS); ‘<u>pequena casa para guardar ferramentas e produtos</u>’ (2 M/SV e CL); - (M/M); ‘para criar cabras’ (2 H/M); ‘pequena casa com o telhado triangular para vacas’ (H/M); ‘onde tem palha para os animais’ (H/RB); ‘onde vivem as cabras’ (2 H/CL e RB); ‘<u>casa de campo</u>’ (H/CL); - (4 H/SC, CL e RB).</p>	<p><i>as vacas estão no palheiro</i> (M/F); <i>o palheiro fica a meio das árvores</i> (M/F); <i>olha aquele palheiro</i> (M/F); <i>ele vive num palheiro</i> (M/F); <i>vou comprar este palheiro</i> (H/F).</p> <p><i>tenho um palheiro</i> (M/RB); <i>coloca a foice no palheiro</i> (M/SV); <i>olha o palheiro como já está degradado</i> (M/PS); <i>a vaca já está no palheiro</i> (M/C); <i>o palheiro das cabras</i> (M/S); <i>vou pôr as semilhas no palheiro</i> (M/SV); <i>vives num palheiro?</i> (H/M).</p>

De acordo com o *Houaiss*, *palheiro* (de *palha* + *-eiro*) significa «depósito de palha» e «palhoça» ou casa rudimentar, tal como no DLPC e em Cândido de Figueiredo, registando uma segunda entrada lexical de *palheiro*, correspondendo ao regionalismo madeirense «galináceo de tamanho pequeno», que o *Priberam* também documenta. No DRA, encontramos o vocábulo *palheiro* com várias aceções, entre elas «casa em que se guarda palha». Em *O Falar do Minho*, *palheiros* são «moreias de palha centeia ou feno» (1988: 97), enquanto no *Dicionário dos Falares de Trás-os-Montes* é uma «construção rústica de pedra solta, com telhado de colmo, onde se guardava a palha» (2002: 116), com idêntico significado no *Dicionário de Falares das Beiras* (2010: 284) e no *Dicionário de Falares dos Açores*. Esta aceção aproxima-se da madeirense, mas na Madeira eram estábulos afastados das casas e próximos da erva e da serra.

Quanto aos vocabulários madeirenses, em Soares (1914: 156), encontramos apenas o nome *palhaça*, «casa com teto de colmo», com a variante *palhoça*. Ribeiro (1929: 32) regista apenas a aceção madeirense de *palheiro* para galináceo, enquanto em Macedo (1939, vol. 2: 67) um *palheiro* é uma «casa com uma só divisão, coberta de colmo». Para Sousa (1950: 103) e Silva (1950: 87), além do galináceo, é um «estábulo». O segundo autor adiciona ainda as aceções de «pequena e modesta habitação» e «depósito de coisas agrícolas», assim como o nome *palhosca*, «casa modesta de habitação coberta com colmo». Para Nunes (1965: 136) e Pestana (1970: 102), *palheiro* é a «habitação dos bovinos», enquanto Caldeira (1993: 105) apresenta as aceções de «casa de colmo» e de «estábulo», registando uma segunda entrada lexical para o «galo da Índia», tal como Figueiredo (2011: 148). Barcelos (2016: 319–320) adiciona à *casa de palha*, *palhoça* ou *palhosca* e ao *galo-palheiro* a forma *palheirinho*, «nome que se dá, nomeadamente no Chão da Ribeira, freguesia do Seixal, a cada uma das pequenas casas», que eram *palheiros* cobertos com palha, daí o seu nome (mas também porque se guardava a palha de trigo, na parte de cima, para alimentar os animais no inverno).

Tabela 10. *Passada(s)*

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
12. <i>Passada(s)</i>	<p>‘Escadas ou degraus’ (6 M/F); ‘chateada’ (M/F); - (2 M/F); ‘escada(s)’ (4 H/F); - (5 H/F).</p> <p>- (4 M/M e C); ‘escadas’ (5 M/M, S, CL, PS e C); ‘degraus’ (M/SV); ‘louca’ (2 M/RB e SV); ‘degrau’ (H/M); ‘escadas’ (3 H/CL e RB); - (6 H/M, SC, CL e RB).</p>	<p><i>sobe a passada</i> (M/F); <i>ela subiu as passadas</i> (M/F); <i>ele caiu pelas passadas</i> (M/F); <i>vou subir as escadas</i> (M/F); <i>sobe as escadas</i> (H/F); <i>vou subir estas passadas</i> (H/F); <i>cuidado com as passadas</i> (H/F).</p> <p><i>ela está passada</i> (2 M/RB e SV); <i>sobe as passadas para vires ter comigo</i> (M/PS); <i>tenho de descer as passadas</i> (M/C); <i>desce devagar nas passadas</i> (M/S); <i>as passadas são altas</i> (M/SV).</p>

No *Houaiss*, tal como nos outros dicionários da língua portuguesa, incluindo o *Priberam*, apenas encontramos as aceções padrão de *passada* (feminino substantivado do participípio do verbo *passar*). No entanto, na Madeira, trata-se de um termo corrente ou usual com o significado de degrau de um caminho ou de uma escada. Este regionalismo semântico madeirense parece ter adquirido a aceção regional por metonímia com o ‘passo’ que é necessário para subir um degrau. O DRA atesta a palavra *passada* com significados distintos do madeirense. O autor remete para *escada* ou *passadeiras* e documenta a expressão *passadas de mão*: «os *passaes* ou degraus da escada de mão». Nos Açores, é um «degrau no interior do poço batido» (Barcelos 2008) e o TLPGP não documenta a aceção madeirense. Nos vocabulários e glossários madeirenses, uma *passada* é um «degrau, cada uma das partes de uma escada» e, no plural, *passadas* é uma «escada (exterior)» e os degraus desta (Pereira 1951-1952: 248, Pestana 1970, Figueiredo 2011, Barcelos 2016: 325).

Tabela 11. Passapalo

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
13. Passapalo	- (6 M/F); ‘comer’ (M/F); ‘lanche’ (2 M/F); - (9 H/F). - (9 M/M, S, CL, PS, C e SV); ‘lanche’ (2 M/RB e SV); ‘tonto’ (H/M); - (10 H/M, SC, CL e RB).	<i>vamos a um passapalo</i> (M/F); <i>vamos fazer um passapalo</i> (M/F); <i>hoje vou ao passapalo</i> (M/F). <i>fazer um passapalo</i> (M/RB); <i>vamos fazer o passapalo</i> (M/SV).

Passapalo (do esp. *pasa* + *palo*), segundo Santos (2013: 109), é um «dentinho ou petisco/aperitivo», sendo que, como resposta aos inquéritos semântico-lexicais realizados pela autora, dois informantes disseram que podia ser «uma bebida» e um informante indicou como aceção do termo «fazer uma espetada». A autora assinala a variante *passapal* e nota que o vocábulo não se encontra registado em nenhum dicionário ou vocabulário da língua portuguesa, sendo um termo importado da Venezuela, trazido pelos emigrantes de torna-viagem ou ex-emigrantes madeirenses naquele país. O estudo de Santos (2013), dos regionalismos madeirenses na Ponta do Sol, de onde são muitos dos emigrantes madeirenses que foram para a Venezuela, levou a que Barcelos (2016: 325) incluísse o termo no seu *Dicionário de Falares do Arquipélago da Madeira*, referindo que o *Dicionário da Real Academia Española* «registra-o como termo venezuelano, definindo-o como ‘bocado ligero que se sirve como acompañamiento de una bebida’. O nome será derivado do facto de esses petiscos se comerem com um palito».

Tabela 12. Rajão

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
14. Rajão	- (4 M/F); ‘instrumento musical’ (3 M/F); ‘instrumento madeirense’ (M/F); ‘ <i>vento forte</i> ’ *(M/F); - (9 H/F). ‘instrumento musical’ (7 M/M, S, CL, PS, C e SV); - (4 M/M, RB e SV); ‘viola’ (H/M); ‘instrumento musical’ (2 H/M); ‘ <i>passagem de vento</i> ’ *(H/CL); - (7 H/SC, CL e RB). *confusão com rajada de vento.	<i>toca rajão</i> (M/F); <i>vamos tocar rajão</i> (M/F); <i>eu toco rajão</i> (M/F). <i>toca o rajão</i> (M/PS); <i>ela sabe tocar rajão</i> (M/C); <i>tocar rajão</i> (H/M).

O *Houaiss* regista o vocábulo *rajão* (de origem obscura) como termo da música da Madeira, sinónimo de *cavaquinho*, «instrumento de 4 cordas», enquanto o DLPC define a palavra como «viola de cinco cordas, maior que o *cavaquinho*, usada na Madeira». No dicionário de Cândido de Figueiredo e no *Priberam*, também é uma viola madeirense de cinco cordas. Nos vocabulários e glossários madeirenses, encontramos o vocábulo em Soares (1914: 157) como «instrumento musical de 4 cordas», enquanto em Macedo (1939: 69) *rajão* é um «instrumento musical semelhante ao machete e que, como este, acompanha sempre o vilão nas romarias». Para Sousa (1950: 117), Silva (1950: 98) e Rezende (1961: 302), é um instrumento de (cinco) cordas, que Nunes (1965: 159) diz ser sinónimo de *machete* («pequena viola de 4 cordas»). Pestana (1970: 112), curiosamente, apenas regista a aceção metafórica de «barriga». Caldeira (1993: 122) averba *rajão* ou *reijão*, «instrumento típico do folclore musical madeirense». Santos (2007: 399) define *rajão* como «viola tradicional madeirense de cinco cordas, maior que o *cavaquinho*». Explica que é um «madeirensismo lexical usado desde o século XIX, provavelmente derivado de *rojão*, termo popular que designa o ‘toque arrastado de viola’. Acompanha essencialmente as danças e as cantigas tradicionais madeirenses, vulgarmente conhecidas por *bailhinho* e *xaramba*». Barcelos (2016: 359) define *rajão* como o «instrumento musical mais popular do folclore da Madeira. (...) Segundo alguns, será descendente do ‘machinho’, instrumento muito antigo referido em documentos do século XIII em Guimarães e que, tal com o *rajão*, tinha 5 cordas».

Tabela 13. *Romagem*

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
15. <i>Romagem</i>	- (8 M/F); ‘conjunto de pessoas a cantar’ (M/F); ‘procissão’ (H/F); ‘grupo organizado de pessoas a andar para a igreja com música’ (H/F); <u>‘convívio com as pessoas’</u> (H/F); ‘romaria’ (H/F); - (5 H/F). ‘grupo de pessoas que cantam numa determinada altura do ano’ (M/C); ‘procissão’ (M/RB);	<i>romagens de Natal</i> (M/C); <i>ela foi na romage</i> (M/RB); <i>eles participaram na romagem</i>

	‘grupo de pessoas numa festa religiosa com oferendas para a paróquia’ (M/SV); ‘festa religiosa’ (M/PS); ‘conjunto de pessoas a cantar no Natal’ (M/C); ‘romaria’ (2 M/S e SV); ‘folclore’ (2 M/M); - (2 M/M e CL); ‘mostragem de várias coisas’ (H/M); ‘romaria ou conjunto de pessoas indo na mesma direção’ (2 H/CL); - (8 H/M, SC, CL e RB).	(M/SV); <i>vai ver as romagens de S. João</i> (M/PS); <i>a romagem foi depois da missa do galo</i> (M/C); <i>vamos nas romagens do Natal</i> (M/S); <i>vamos fazer uma romagem para o Natal</i> (M/SV); <i>mas que romagem que vai ali</i> (H/CL).
--	---	--

No *Houaiss*, *romagem* (do provençal *romeatge* ‘peregrinação a Roma’, de *roma* + *-agem*) é o mesmo que *romaria*. Também o DLPC, tal como o *Priberam*, apenas dá conta das aceções padrão do vocábulo. Cândido de Figueiredo (1996), além destas, documenta o significado de «festa ou arraial». O DRA apenas averba *romage/romagem* com o significado de «romaria». Nos vocabulários madeirenses, encontramos, no glossário de Nunes (1965: 160), as entradas lexicais *romage* ou *romaria*, «cortejo de oferendas para o Menino Jesus ou para o padre», e *romaria velha*, «romagem em que se canta, todos os anos, a mesma música». Em Barcelos (2016: 370–371), *romagem* é um «grupo organizado dentro de uma freguesia, feito por altura do Natal ou para angariar dinheiro, por exemplo, para contribuir financeiramente para as obras da igreja», sendo sinónimo de *romaria*, «agrupamento de pessoas que se juntavam antigamente na noite de Natal para se deslocarem para a Missa do Galo. Seguiam cantando ao som dos instrumentos populares da Madeira; também as pessoas que se deslocavam para as festas e arraiais populares». O autor regista ainda a entrada lexical *romagem do trigoinho*, que era uma «romaria antigamente feita no último fim-de-semana de julho, em certas freguesias da Madeira, em que as crianças levavam saquinhos de trigo à cabeça para as hóstias».

Tabela 14. Tapassol

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
16. Tapassol	<p>‘persianas ou estores’ (7 M/F); ‘janela’ (M/F); <u>‘objeto de tapar o sol’</u> (M/F); ‘persiana(s) exteriores’ (6 H/F); ‘peça da janela que serve para tapar o sol’ (H/F); ‘é o que tem nas janelas das casas’ (H/F); - (H/F).</p> <p>‘persiana(s) ou estores’ (9 M/M, S, RB, PS, C e SV); ‘janela típica madeirense’ (M/M); ‘para não deixar passar o sol nas janelas’ (2 M/CL e SV); ‘janela’ (H/M); ‘esteiras ou persianas’ (6 H/M, CL e RB); <u>‘chapéu ou barreta com tapassol’</u> (H/CL); - (2 H/SC e RB).</p>	<p><i>fecha o tapassol</i> (4 M/F); <i>fecha o tapassol, está muito sol</i> (2 H/F); <i>fecha esse tapassol</i> (H/F).</p> <p><i>ele não tem tapassóis nas janelas</i> (M/RB); <i>fecha o tapassol</i> (M/SV); <i>fecha os tapassóis que já é de noite</i> (M/PS); <i>fecha o tapassol</i> (M/S); <i>fecha o tapassol</i> (3 H/M e RB); <i>Podes fechar o tapassol?</i> (H/CL).</p>

Dos dicionários da língua portuguesa, apenas o *Priberam* averba a palavra *tapa-sol* (forma do verbo *tapar* + *sol*), sendo sinónimo de persiana. Porém, os *tapa-sóis* madeirenses são exteriores e não o mesmo que persianas. Nos vocabulários e glossários madeirenses, o vocábulo *tapa-sol* ou *tapassol* ocorre em Ribeiro (1929: 35), em Silva (1950: 110) e em Nunes (1965: 156) como «persiana». Em Rezende (1961: 307), Pestana (1970: 119) e Caldeira (1993: 134), *tapa-sóis* são uma «espécie de gelosias em madeira, abertas ao meio e abrindo para fora», sinónimo de «veneziana». Figueiredo (2011: 162) define a palavra como «persiana utilizada para tapar, por fora, as janelas ou as portas». Teixeira (2015: 98) registou as seguintes aceções da palavra: «armação exterior da janela em madeira ou alumínio», «persiana», «guarda-sol/chapéu-de-sol» e «tapa-sol do carro». Em Barcelos (2016: 392), *tapa-sol* ou *tapassol* também é «persiana» e «taipiço».

Tabela 15. Terreiro

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
17. Terreiro	<p>‘quintal (da casa)’ (8 M/F); <u>‘terreno’</u> (M/F); ‘quintal’ (5 H/F); ‘é o chão duma casa’ (H/F); - (3 H/F).</p>	<p><i>vou limpar o terreiro</i> (M/F); <i>vou lavar o terreiro</i> (M/F); <i>varre o terreiro</i> (M/F); <i>lava o terreiro</i> (M/F); <i>cuidado com as flores do</i></p>

	<p>‘quintal’ (3 M/M e S); ‘espaço à frente da casa’ (M/M); ‘pátio da casa’ (M/M); ‘espaço exterior de uma casa’ (M/C); ‘chão da casa’ (2 M/RB e SV); ‘chão de cimento’ (M/PS); ‘parte de fora da casa’ (M/C); ‘espaço livre à volta da casa’ (M/SV); <u>‘terraço’</u> (M/CL); ‘espaço à frente da casa’ (H/CL); ‘espaço fora da casa mas dentro do perímetro desta’ (H/M); ‘quintal’ (4 H/M, CL e RB); <u>‘terraço’</u> (H/M); <u>‘fazenda’</u> (H/RB); - (2 H/SC e RB).</p>	<p><i>terreiro</i> (M/F); <i>vai brincar para o terreiro</i> (H/F); <i>vamos brincar para o terreiro</i> (H/F); <i>hoje lavei o terreiro</i> (H/F).</p> <p><i>lavei o terreiro</i> (M/RB); <i>vou lavar o terreiro</i> (M/SV); <i>anda lavar o terreiro!</i> (M/PS); <i>tenho de lavar o terreiro</i> (M/C); <i>este terreiro é grande</i> (M/S); <i>vai lavar o terreiro</i> (2 H/M e RB).</p>
--	--	---

Terreiro (do lat. TERRARIUM, segundo *Houaiss*), no Português Europeu e no do Brasil, entre outros valores semânticos, denomina um «pequeno quintal de terra batida diante das residências populares do interior». Trata-se de um termo corrente na Madeira, denominando o espaço coberto ou descoberto em frente da casa que antecede o quintal (o jardim e a horta). Na Madeira, o termo *terreiro* parece ter sofrido uma especificação semântica, denominando uma parte específica do quintal, enquanto no Português padrão é designado *quintal*, com um significado mais genérico. Neste estudo, observamos uma generalização do seu significado ou extensão semântica para *terreno* ou *fazenda*.

No DRA, *terreiro* surge como regionalismo em Alandroal, sendo sinónimo de liso, sem pedras, e também com o significado de espaço público onde correm cavalos e touros, não correspondendo à aceção madeirense. Nos Açores, *terreiro* é um «largo; praça de uma povoação; centro da casa onde se dançam os balhes populares; diz-se de qualquer lugar cujo pavimento é de terra» (Barcelos 2008). No Alentejo, é a «terra cavada e alisada, debaixo das oliveiras, para facilitar a apanha (Aljustrel)» (Barros 2005). No TLPGP, é definido como «quintal, Rezende 1961, 307», na Madeira. No Esp. can. *terrero* é um «trozo de terreno llano y sin piedras, usado habitualmente para bailar, practicar la lucha canaria o el juego del palo» (cf. DHECan).

Em Figueiredo (1996), *terreiro* é o «espaço de terra, plano e largo; praça; terraço; lugar ao ar livre, onde há folguedos ou cantos ao desafio», enquanto no DLPC e no

Priberam surge como «espaço descoberto, contíguo a uma habitação ou na frente desta», sendo que, na Madeira, é o «chão em frente da casa, coberto ou descoberto». Nos vocabulários e glossários madeirenses, em Pereira (1951-1952: 263) e em Rezende (1961: 307), *terreiro* é sinónimo de «quintal (à frente da casa)», enquanto Nunes (1965: 157) atesta a forma *turreiro*, «espaço de terra que fica à volta da casa; pátio». Barcelos (2016: 397) define o vocábulo como «quintal de uma casa e redil circular feito com pedra solta, antigamente destinado a manter as ovelhas para serem tosquiadas e marcadas com sinal nas orelhas, também chamado *arrumo* e *cercos*».

Tabela 16. *Trapiche*

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
18. <i>Trapiche</i>	<p>‘desordem’ (M/F); ‘alguém muito louco’ (M/F); ‘casa de loucos’ (4 M/F); ‘Casa de S. João de Deus’ (M/F); ‘casa dos loucos’ (2 M/F); ‘casa dos loucos’ (4 H/F); ‘casa S. João de Deus’ (H/F); ‘é um sítio indicado para loucos mentais’ (H/F); ‘louco’ (H/F); ‘manicómio’ (H/F); - (2 H/F).</p> <p>‘manicómio’ (M/M); ‘casa de saúde’ (M/M); ‘casa dos loucos’ (3 M/M, S e C); ‘instituição de pessoas com problemas cognitivos’ (M/PS); ‘local onde estão as pessoas loucas’ (2 M/C e SV); ‘lugar para onde vão as pessoas com necessidades educativas especiais’ (M/CL); ‘maluco’ (2 M/RB e SV); ‘casa S. João de Deus’ (H/CL); ‘casa dos loucos’ (5 H/M e CL); ‘local onde tem pessoas com doença mental’ (H/M); ‘manicómio’ (H/RB); ‘centro de reabilitação mental’ (H/RB); - (2 H/SC e RB).</p>	<p><i>isto parece um trapiche</i> (M/F); <i>este homem é um trapiche</i> (M/F); <i>esta casa é um trapiche</i> (3 M/F); <i>vai para o trapiche!</i> (H/F); <i>Não andas bem da cabeça, vai para o trapiche</i> (H/F); <i>devias estar no trapiche!</i> (H/F); <i>estás ficando num trapiche</i> (H/F); <i>vou internar-te no trapiche!</i> (H/F).</p> <p><i>ele é um trapiche</i> (2 M/RB e SV); <i>estás louca? Vais qualquer dia para o trapiche!</i> (M/PS); <i>aquele foi para o trapiche</i> (M/C); <i>vais para o trapiche!</i> (M/S); <i>isto parece o trapiche</i> (M/SV); <i>estás louco, vai para o trapiche!</i> (H/M); <i>o Rui está no trapiche?</i> (H/RB); <i>devias estar no trapiche!</i> (H/CL); <i>saíste do trapiche?</i> (H/M).</p>

Trapiche (do esp. *trapiche*, «moinho de azeite» e «engenho de açúcar»), no *Houaiss*, é um «armazém onde são guardadas mercadorias destinadas à importação ou à exportação» (Brasil), registando como segunda aceção, do Nordeste brasileiro, «pequeno engenho de açúcar movido por bois». O dicionário de Cândido de Figueiredo também atesta estas duas aceções do Brasil, ao que o *Priberam* acrescenta a da Madeira. No que respeita aos vocabulários madeirenses, Caldeira (1993: 134 e 139) regista *tarpiche* como corrupção de *trapiche*, que define como «lugar onde se encontram os alienados do sexo masculino». Figueiredo (2011: 164) apresenta o conceito primitivo de «engenho rudimentar», a aceção de «Casa de Saúde de S. João de Deus para doentes mentais», por extensão «hospital psiquiátrico», mas também «comportamento perturbado ou demasiado barulhento» e «local onde há muita confusão e ninguém se entende». Barcelos (2016: 403–404) averba *trapiche* com as aceções de «primitivo moinho de cana-de-açúcar; barulho; inferno; manicómio; louco e bêbedo».

Tabela 17. *Trapichento/a*

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
19. <i>Trapichento/a</i>	- (3 M/F); ‘alguém muito louco’ (M/F); ‘louco’ (3 M/F); ‘chato ou abusador’ (M/F); ‘ <u>não para quieto</u> ’ (M/F); ‘é uma pessoa louca’ (H/F); ‘ <u>irritante</u> ’ (H/F); - (7 H/F). - (9 M/M, S, CL, PS, C e SV); ‘maluco’ (2 M/RB e SV); ‘louco’ (H/M); ‘uma pessoa louca ou que faz louquices’ (H/CL); - (9 H/M, SC, CL e RB).	<i>um homem trapichento</i> (M/F); <i>este rapaz é um trapichento</i> (M/F); <i>ele é um trapichento</i> (M/F); <i>o João é um trapichento</i> (M/F); <i>és mesmo trapichento</i> (H/F). <i>ele é trapichento</i> (2 M/RB e SV).

Não encontramos nenhum registo desta forma lexical derivada de *trapiche* com o sufixo *-ento*, sendo provavelmente de formação recente.

Tabela 18. *Tratuário* ou *trotoário*

Regionalismo	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
20. <i>Tratuário</i> ou <i>trotoário</i>	- (6 M/F); ‘passeio’ (3 M/F); ‘chão da calçada’ (H/F); - (8 H/F). - (10 M/M, S, CL, RB, PS, C e SV); ‘calçada’ (M/C); ‘passeio pedestre’ (H/M); - (10 H/M, SC, CL e RB).	<i>sobe para o tratuário</i> (M/F); <i>anda pelo tratuário</i> (M/F); <i>vai no tratuário</i> (M/F). <i>cai no tratuário</i> (M/C); <i>não subas o tratueiro</i> (H/M).

Tratuário (do francês trottoir), ‘calçada’ ou caminho na berma da estrada para os peões. O termo tratuário, com a aceção de ‘espaço destinado aos peões na berma da estrada’, parece ser exclusivo da Madeira. No Português padrão, o mesmo conceito é designado por passeio. Uma das razões da grande divulgação na Madeira do empréstimo tratuário, com as suas variantes, trotoário e troitoário, terá sido o facto de o vocábulo passeio ser polissémico, significando também ‘o ato de passear’. No entanto, atualmente, há tendência para a generalização do uso da palavra padrão passeio e muitos jovens já desconhecem o regionalismo madeirense. A forma tratueiro, variante morfológica de tratuário, revela polimorfismo. O DLPC averba a forma francesa trottoir, remetendo para passeio, mas nesta entrada lexical não faz referência ao regionalismo madeirense. No Priberam, tratuário está registado como regionalismo da Madeira, com o significado popular de ‘passeio’. Apesar da classificação do termo como populismo, ainda não existem estudos sociolinguísticos suficientemente alargados que o comprovem.

Nos vocabulários e glossários madeirenses, «passeio existente nas artérias» é a aceção documentada por Caldeira (1993) para a forma tróituário, que supõe ser derivada do francês tróitoir [sic]. Pestana (1970), em vez de trotoário, anota como entrada lexical passeio, afirmando ser «o que no Continente se chama trottoir». Parece ter ocorrido aqui uma confusão porque no restante território português este conceito é denominado passeio. Em Figueiredo (2011), surge como «parte destinada aos peões na berma da estrada, passeio». Barcelos (2016: 404) também atesta a forma tratoário como regionalismo madeirense para «calçada da rua; passeio».

4. Análise quantitativa dos resultados

Depois da análise qualitativa dos dados, apresentamos os resultados quantitativos da amostra sociodialetal do léxico diferencial madeirense.

Tabela 19. Resultados do concelho do Funchal (18 inquiridos)

Palavras e expressões	Signific =	Signific ≠	Signific. padrão	Uso	Conhec.	Desconh.
1. <i>(Ar)rejeiras</i>	0	3 M 16,7%	0	2 M 11%	3 M 16,7%	6 M/9 H 83,3%
2. <i>Baboseira</i>	8M/6H 77,5%	0	0	6M/4H 55,5%	8M/6H 77,5%	1M/3H 22,5%
3. <i>Brinco/brinquinho</i>	4 M 22,5%	1H 5,5%	4M/4H 44%	7M/3H 55,5%	8M/5H 72,4%	1M/4H 27,6%
4. <i>Busico</i>	9M/5H 77,7%	1H 5,5%	0	4M/3H 38,8%	9M/6H 83,3%	3H 16,7%
5. <i>Cachada</i>	8M/7H 83,3%	0	0	5M/3H 44,4%	8M/7H 83,3%	1M/2H 16,7%
6. <i>Charola</i>	0	1M 5,5%	0	0	1M 5,5%	8M/9H 94,4%
7. <i>Corça/corsa</i>	2M 11%	0	0	1M 5,5%	2M 11%	7M/9H 88,8%
8. <i>Estar (n)um calhau</i>	5M 27,7%	1M/1H 11%	0	3M/1H 22,2%	6M/1H 38,8%	3M/8H 61%
9. <i>Matina</i>	0	0	5M/5H 55,5%	3M 16,7%	5M/5H 55,5%	4M/4H 44,4%
10. <i>Matinar</i>	1H 5,5%	0	2M/4H 33,3%	1M/1H 11%	3M/5H 44,4%	6M/4H 55,5%
11. <i>Palheiro</i>	4M/1H 27,7%	5M/6H 61%	0	4M/1H 27,7%	9M/7H 88,8%	2H 11%
12. <i>Passada(s)</i>	6M/4H 55,5%	0	1M 5,5%	4M/3H 38,8%	7M/4H 61%	2M/5H 38,8%
13. <i>Passapalo</i>	3M 16,7%	0	0	3M 16,7%	3M 16,7%	6M/9H 83,3%
14. <i>Rajão</i>	4M 22,2%	1M 5,5%	0	3M 16,7%	5M 27,7%	4M/9H 72,2%
15. <i>Romagem</i>	1M/2H 16,7%	1H 5,5%	1H 5,5%	0	1M/4H 27,7%	8M/5H 72,2%
16. <i>Tapassol</i>	8M/8H 88,8%	1M 5,5%	0	4M/3H 38,8%	9M/8H 94,4%	1H 5,5%
17. <i>Terreiro</i>	8M/6H 77,7%	1M 5,5%	0	5M/3H 44,4%	9M/6H 83,3%	3H 16,7%

18. Trapiche	3M/7H 55,5%	6M 33,3%	0	5M/5H 55,5%	9M/7H 88,8%	2H 11%
19. Trapichento/a	4M/1H 27,7%	2M/1H 16,7%	0	4M/1H 27,7%	6M/2H 44,4%	3M/7H 55,5%
20. Tratuário ou trotoário	3M/1H 22,2%	0	0	3M 16,7%	3M/1H 22,2%	6M/8H 77,7%

Tabela 20. Resultados das outras áreas geográficas (22 inquiridos)

Palavras e expressões	Signific. =	Signific. ≠	Signific. padrão	Uso	Conhec.	Desconh.
1. (Ar)rejeiras	0	0	0	0	0	11M/11H 100%
2. Baboseira	11M/11H 100%	0	0	10M/7H 77,2%	11M/11H 100%	0
3. Brinco/brinquinho	4M/3H 31,8%	0	3M/5H 44,4%	2M/3H 27,7%	7M/8H 68%	4M/3H 31,8%
4. Busico	9M/8H 77,2%	1M 4,5%	0	2M/2H 18%	10M/8H 81,8%	1M/3H 18%
5. Cachada	8M/9H 77,2%	0	0	4M/5H 40,9%	8M/9H 77,2%	3M/2H 27,7%
6. Charola	0	1H 4,5%	0	1H 4,5%	1H 4,5%	11M/10H 95,4%
7. Corça/corsa	2M/1H 13,6%	1H 4,5%	0	1M/1H 9%	2M/2H 18%	9M/9H 81,8%
8. Estar (n)um calhau	1M 4,5%	2M/4H 27,2%	0	3M/2H 22,7%	3M/4H 31,8%	8M/7H 68%
9. Matina	5M/2H 31,8%	0	3M/3H 27,2%	4M 18%	8M/5H 59%	3M/6H 40,9%
10. Matinar	5M/1H 27,2%	0	1M/2H 13,6%	5M 22,7%	6M/3H 40,9%	5M/8H 59%
11. Palheiro	5M/6H 61%	5M/1H 27,2%	0	6M/1H 31,8%	10M/7H 77,2%	1M/4H 22,7%
12. Passada(s)	6M/4H 45,4%	2M 9%	0	6M 27,2%	8M/4H 54,5%	3M/7H 45,4%
13. Passapalo	2M 9%	1H 4,5%	0	2M 9%	2M/1H 13,6%	9M/10H 86,3%
14. Rajão	7M/3H 45,4%	1H 4,5%	0	2M/1H 13,6%	7M/4H 50%	4M/7H 50%
15. Romagem	5M/3H 36,3%	2M 9%	2M 9%	7M/1H 36,3%	9M/3H 54,5%	2M/8H 45,4%
16. Tapassol	11M/8H 86,3%	1H 4,5%	0	4M/4H 36,3%	11M/9H 90,9%	2H 9%

17. Terreiro	11M/6H 77,2%	2H 9%	0	5M/2H 31,8%	11M/8H 86,3%	3H 13,6%
18. Trapiche	8M/9H 77,2%	3M 13,6%	0	6M/4H 45,4%	11M/9H 90,9%	2H 9%
19. Trapichento/a	2M/2H 18%	0	0	2M 9%	2M/2H 18%	9M/9H 81,8%
20. Tratuário ou trotoário	1M/1H 9%	0	0	1M/1H 9%	1M/1H 9%	10M/10H 90,9%

A palavra *(ar)rejeiras* revelou-se totalmente desconhecida, tanto para os inquiridos naturais do Funchal como das outras áreas geográficas da ilha da Madeira. Quanto a *baboseira*, foi um dos nomes mais reconhecidos, sobretudo pelos residentes fora do Funchal, com 100% (11M/11H) de reconhecimento e 77,2% (10M/7H) de uso. No concelho do Funchal, obtivemos 77,5% (8M/6H) de reconhecimento e 55,5% (6M/4H) de uso. Trata-se de um termo muito usual, não apresentando variação semântica, o que confirma a estabilidade do vocábulo. As outras palavras correntes ou usuais são: *buzico*, no Funchal, com 77,7% (9M/5H) de reconhecimento e 38,8% (4M/3H) de uso e, nas outras áreas geográficas, respetivamente 77,2% (9M/8H) e 18% (2M/2H); *cachada*, no Funchal, com 83,3% (8M/7H) de reconhecimento e 44,4% (5M/3H) de uso e, nos outros concelhos, respetivamente 77,2% (8M/9H) e 40,9% (4M/5H); *tapassol*, *terreiro* e *trapiche*, no Funchal, respetivamente com 88,8% (8M/8H), 77,7% (8M/6H) e 55,5% (3M/7H) de reconhecimento e 38,8% (4M/3H), 44,4% (5M/3H) e 55,5% (5M/5H). As outras áreas geográficas totalizaram, no reconhecimento, 86,3% (11M/8H) para *tapassol*, com 36,3% (4M/4H) de uso, para *terreiro* 77,2% (11M/6H), com 31,8% (5M/2H) de uso, e para *trapiche* também 77,2% (8M/9H), com 45,4% (6M/4H) de uso.

4.1 Variável geográfica

No Funchal, 65% das palavras correspondem aos conceitos esperados, enquanto nas outras áreas geográficas o valor é de 78%. Os informantes residentes no Funchal exibem 29% de significados diferentes das aceções regionais, sobretudo do Português padrão, por exemplo em *brinco/brinquinho*, por ‘limpo’ mas também ‘novo’ e ‘arrecada’, tal como acontece com as palavras *matina* e *matinar*, revelando desconhecimento do regionalismo semântico madeirense. Nos vocábulos *palheiro* e

trapiche, temos novos significados que surgem de factos e realidades linguístico-etnográficas regionais. Nos inquiridos provenientes de outros concelhos, obtivemos 12% de significados diferentes dos conhecidos para *estar num calhau*, com o valor figurado ou metafórico de ‘fala e comportamento inadequado’, e *romagem* como ‘convívio de pessoas’ e ‘festa religiosa’, por metonímia.

No Funchal, 94 % do léxico diferencial é reconhecido pelos informantes, sendo apenas 6% desconhecido, pois não podemos esquecer que muitas áreas da cidade, sobretudo S. Roque, Santo António e S. Martinho eram zonas rurais até há pouco tempo. Nas outras áreas rurais, 90 % dos vocábulos são conhecidos e 10% desconhecidos. Esta percentagem inferior depende do facto de palavras como *matina* e *matinar* apenas existirem em alguns concelhos da zona oeste da ilha, assim como *passapalo*. Entre os vocábulos mais conhecidos pelos jovens universitários residentes fora do Funchal, temos igualmente *baboseira* (palavra corrente) mas também *tapassol*, *terreiro*, *trapiche*, seguindo-se *busico* e *cachada* (palavras mais populares). Os vocábulos menos conhecidos e usados em todos os concelhos da ilha são: *charola*, *corça* ou *corsa* e *tratuário* ou *trotoário*, que parecem estar a desaparecer junto dos jovens. *(Ar)rejeiras* é nitidamente um arcaísmo; *palheiro* está a perder o seu significado original e *passapalo* é um neologismo ou empréstimo regional do Espanhol da Venezuela.

No Funchal, 49% dos regionalismos são usados pelos inquiridos. Estes serão os mais correntes e com mais prestígio sociocultural, nomeadamente *baboseira*, *brinco/brinquinho*, *trapiche*, seguindo-se *cachada* e *terreiro*. Nas outras áreas geográficas, 60% dos regionalismos ainda são usados pelos jovens inquiridos, destacando-se *baboseira*, seguindo-se *trapiche*, *cachada* e, depois, *romagem* e *palheiro*.

4.2 Variável sociocultural de género

O fator sociocultural de género mostrou-se relevante, na medida em que, no Funchal, geralmente, as mulheres lideram o conhecimento deste léxico diferencial ou regional, assim como dos novos significados atestados. Também são as mulheres que apresentam maior percentagem do seu uso. Por vezes, apenas estas reconhecem os vocábulos, como é o caso de *(ar)rejeiras* (embora com novo significado), *corça* e

passapalo. Algumas palavras são desconhecidas, sobretudo por alguns homens: *busico*, *palheiro*, *tapassol*, *terreiro* e *trapiche*.

Nas outras áreas geográficas, as mulheres, no geral, também conhecem mais vocabulário regional, como é o caso de *passapalo* e *estar (n)um calhau*, apenas reconhecido por mulheres. Estas são mais inovadoras em relação aos vocábulos *busico*, *passadas*, *romagem*, *trapiche*, *estar (n)um calhau* e *terreiro*, enquanto os homens o são sobretudo no *brinco*. Também usam mais estas palavras do que os homens, por exemplo *matinar*, *palheiro*, *passada(s)*, *romagem*, sendo mais conservadoras. Portanto, podemos verificar que as mulheres são simultaneamente mais conservadoras e mais inovadoras do que os homens.

Tivemos de limitar esta amostra sociodialetoal, por se tratar de um estudo comparativo entre diversas áreas geográficas, embora reconhecendo a necessidade de alargar os dados, através de uma recolha sistemática e exaustiva, abrangendo todos os concelhos do arquipélago. Porém, julgamos que os resultados aqui apresentados são significativos e representativos dos concelhos madeirenses e dos estratos sociais estudados.

Recolhemos novas unidades lexicais que ainda não se encontram dicionarizadas, nos dicionários de língua portuguesa, nem mesmo nos vocabulários regionais madeirenses, como: *baboseirento*, forma derivada de *baboseira*, tal como *trapichento*, que mostra a expressividade e produtividade destas palavras, e *tratueiro*, variante popular de *tratuário*, bem como a expressão *estar (n)um calhau*. De igual modo, encontramos variação semântica ou novos significados de: *busico* ‘divertido’ e ‘coisa que faz barulho’; *trapichento* ‘abusador’, ‘que não para quieto’ e ‘irritante’; e *terreiro*, por generalização, também ‘terraço’, ‘terreno’ e ‘fazenda’.

Alguns regionalismos são correntes, como *baboseira*, *palheiro*, *tapassol*, *terreiro* e *trapiche*. Dos termos estudados, estes são os que apresentam maior vitalidade no Português falado na ilha da Madeira. Em contrapartida, os regionalismos madeirenses menos conhecidos, resultantes do conservadorismo de léxico do Português antigo, que parecem estar a cair em desuso, sobretudo junto das gerações mais jovens e no meio urbano, são: *arrejeiras/regeiras*, *matina* e *matinar*. As variáveis geográfica e de género nem sempre são relevantes, pois jovens do mesmo concelho e sexo podem (re)conhecer ou não o mesmo vocábulo. Esta variação pode resultar de experiências

ou vivências individuais, da área do concelho onde vivem ser mais urbana ou rural e dos contactos com familiares de zonas rurais. No entanto, no que se refere a palavras como *matina* e *matinar*, a variável geográfica é pertinente, devido ao facto de ocorrerem em concelhos da zona oeste da ilha, assim como *passapalo*. Em relação à variável género, verificamos que as mulheres são simultaneamente mais conservadoras e mais inovadoras do que os homens.

Este pequeno estudo mostra-nos bem que há ainda muito trabalho a fazer, não só na Madeira, mas em todas as regiões de Portugal, para podermos conhecer a lexicografia dialetal ou diferencial portuguesa, as suas variantes lexicais e as diferentes aceções semânticas dos vocábulos, assim como a sua distribuição geográfica. O levantamento exaustivo que está a ser feito pelo grupo do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pela imensidade de dados a tratar, ainda não está concluído, sendo um instrumento importante para podermos comparar as diferentes variedades linguísticas do país. Além deste atlas nacional, que permite o estudo comparativo entre as diferentes regiões de Portugal e da Galiza, faltam atlas regionais que possam dar conta das realidades específicas de cada uma das regiões. Este estudo é apenas um pequeno contributo e incentivo para esse conhecimento do património linguístico e sociocultural regional, de forma a obtermos um dicionário dos regionalismos de Portugal e da Galiza.

Referências

- Álvarez, Rosario (coord.). *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. Disponível em <http://ilg.usc.es/tesouro> (consultado a 3 de agosto de 2017).
- Barcelos, J. M. Soares de. 2016. *Dicionário de Falares do Arquipélago da Madeira*. Funchal: Direção Regional da Cultura. Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura.
- Barcelos, J. M. Soares de. 2008. *Dicionário de Falares dos Açores. Vocabulário Regional de Todas as Ilhas*. Coimbra: Almedina.
- Barros, V. Fernando. 2010. *Dicionário de Falares das Beiras*. Lisboa: Âncora Editora/Edições Colibri.

- Barros, V. Fernando e Lourivaldo Martins Guerreiro. 2005. *Dicionário de Falares do Alentejo*. Porto: Campo das Letras.
- Barros, V. Fernando. 2002. *Dicionário dos falares de Trás-os-Montes*. Porto: Campo das Letras.
- Brissos, Fernando, Raissa Gillier e João Saramago. 2016. «O problema da subdivisão dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical». *Textos Seleccionados. XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Caldeira, A. Marques. 1993 [1961]. *Falares da ilha. Dicionário da linguagem popular madeirense*. Funchal: Eco do Funchal.
- Corbella, Dolores. 2016. «La selección de canarismos del DRAE», *Revue de Linguistique Romane* 80: 101–160.
- Corrales, Cristóbal e Dolores Corbella. 2013. *Diccionario Histórico del Español de Canarias*, 2 vols. (2ª edición ampliada). La Laguna: Instituto de Estudios Canarios.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. 2001. Lisboa: Editorial Verbo.
- Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos (DRA)* de Leite de Vasconcelos. Disponível em <http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/dra/index.html> (consultado a 5 de agosto de 2017).
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2005. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia Portugal. Lisboa: Temas e Debates.
- Dicionário PRIBERAM da Língua Portuguesa*. Disponível em <https://www.priberam.pt/DLPO/> (consultado a 6 de agosto de 2017).
- Figueiredo, A. Cristina. 2011. *Palavras d'aquintrodia (estudo sobre regionalismos madeirenses)*. Lisboa: Fonte da Palavra.
- Figueiredo, Cândido de. 1996. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 vols. (25ª edição). Venda Nova: Bertrand Editora.
- Gonçalves, Gabriel. 1988. *O Falar do Minho. Subsídios para o seu estudo com um glossário de provincianismos e formas divergentes*. Porto: Edição do Autor.
- Labov, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Macedo, D. Bela de. 1939. *Subsídios para o estudo do dialeto madeirense*. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Nunes, J. da Cruz. 1965. *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paul do Mar e Jardim do Mar*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- Pereira, M. C. Noronha. 1951–1952. *Tentativa de um pequeno Atlas Linguístico da Madeira e algumas considerações sobre particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar madeirense*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Pestana, E. Antonino. 1970. «Linguagem popular da Madeira». *Ilha da Madeira. II vol. Estudos Madeirenses*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Porto da Cruz, Visconde do. 1934. *Trovas e cantigas madeirenses*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia.
- Rebelo, Helena. 2014. «Património Linguístico Madeirense. Alguns Aspetos Lexicais, Fonéticos, Morfológicos e Sintáticos». In *La Lengua Portuguesa vol. II. Estudios Lingüísticos*, ed. Ángel Marcos de Dios. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. 627–647.
- Rezende, Maria Angela Leotte. 1961. *Canhas e Câmara de Lobos. Estudo Etnográfico e Linguístico*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Ribeiro, Emanuel. 1929. *Palavras do Arquipélago da Madeira*. Porto: Manarus.
- Santos, Jaime Vieira dos. 1945. «Vocabulário do Dialecto Madeirense». *Revista de Portugal, Série A. Língua Portuguesa*, vol. III, nº 37, out. 1945, 61–64; vol. VIII, nº 39, dez. 1945, 145–149; vol. VIII, nº 40, jan. 1946, 208–211; vol. IX, nº 41, fev. 1946, 44–47; vol. IX, nº 44, mai 1946, 204–207; vol. X, nº 46, jul. 1946, 26–29; vol. X, nº 47, set. 1946, 68–71; vol. X, nº 48, out. 1946, 113–116 ; vol. XI, nº 52, fev. 1947, 64–67 ; vol. XI, nº 55, maio 1947, 177–180 ; vol. XII, nº 58, out. 1947, 80–83.
- Santos, M. F. Silva. 2013. *À Luz das Palavras Quase Esquecidas. Contributo para o Estudo dos Regionalismos na Ponta do Sol*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira.
- Santos, T. Proença dos. 2007. «Glossário». *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia: a Narrativa e as suas (Re)escritas (com uma proposta de edição crítico-genética e com uma tradução parcial do romance para francês)*. Tese de Doutoramento, Universidade da Madeira. Vol. 1: 367–406.
- Silva, A. R. Marques da. 2013 [1985]. «Vocabulário e Expressões do Norte da ilha». *Linguagem Popular da Madeira*, 99–109. Governo Regional da Madeira: DRAC.
- Silva, F. Augusto da. 1950. *Vocabulário Popular da Madeira. Alguns subsídios para o seu estudo*. Funchal: Junta Geral do Funchal.
- Simão, Teresa. 2011. *O Falar de Marvão: pronúncia, vocabulário, alcunhas, ditados e provérbios populares*. Lisboa: Edições Colibri. «

- Soares, Urbano Canuto. 1914. «Subsídios para o Cancioneiro do Arquipélago da Madeira». *Revista Lusitana* XVII: 135–158.
- Sousa, Luís de. 1950. *Dizeres da ilha da Madeira. Palavras e locuções*. Funchal: Casa Figueira Tipografia.
- Teixeira, C. S. Nunes. 2015. *Calheta e Funchal. Estudo dialetal e sociolinguístico de alguns regionalismos madeirenses (comparação da sua vitalidade nos dois concelhos)*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, Universidade da Madeira.